

PRÁTICAS DOCENTES: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Maria Creuza Tavares BRAGA (G-UFPA)

Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

RESUMO

Este artigo traz como base um relato de experiência docente, abordando a vivência pedagógica de um professor do curso de Licenciatura em Letras. São categorias abordadas no relato: introdução, como referencial teórico os subtítulos A formação do professor e A Prática Reflexiva e o Professor e, por fim, as considerações finais. As ponderações aqui descritas baseiam-se teoricamente nos trabalhos de Serrat (2007), Porto (2001), Novoa (2003). Como culminância o relato leva a entender que as dificuldades pelas quais professores enfrentam no desempenho de sua profissão não podem se tornar uma justificativa para abdicar do processo de formação do docente.

Palavras-chave: Formação. Docente. Ação. Reflexão.

INTRODUÇÃO

Este artigo originou-se do interesse em relatar a experiência docente de um professor de língua portuguesa e as dificuldades enfrentadas em sala de aula em meio a sua prática educativa, reforçando que essas dificuldades encontradas em sala de aula não podem ser motivos para o professor se eximir de seu compromisso com o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, ou até mesmo desmotivado deixando de fortalecer a relação professor e aluno, haja vista que o mesmo é uma peça fundamental para que o processo ensino e aprendizagem ocorram de uma forma satisfatória. Desta forma os professores ocupam uma posição central em meio a esse processo, sendo que a prática docente em sala de aula nos reporta imediatamente a figura do professor, e com ele o fazer em sala de aula, desta feita a consciência crítica do professor ao desenvolver sua prática pedagógica é de suma importância para o aluno, assim como o reconhecimento da mesma não como algo acabado, finalizado, e sim com o algo contínuo onde o discente possa se sentir incentivado e parte do processo de Ensino e aprendizagem.

Para tanto fazer um estudo sobre o desenvolvimento da prática do professor, na visão participativa que exige contínuo repensar e constante recriar, como contribuição e ajuda a profissionais da área para melhor conhecimento de si e das decisões tomadas tem crescido a cada dia. Pois apesar do incentivo aos professores através de formação há muitos que ainda se encontram desorientados em meio a sua prática pedagógica. Diante disto trazemos neste artigo algumas considerações sobre a importância da reflexão sobre a prática pedagógica em sala de aula, a partir da concepção do professor como profissional reflexivo. Sugere-se ainda a necessidade de um novo olhar para o processo ensino-aprendizagem para viabilizar um trabalho docente que exercite a reflexão sobre a ação e conceba a aprendizagem como uma construção realizada pelo próprio indivíduo por meio das relações e significados que estabelecem entre as informações que lhe são

apresentadas e com seu meio social. Compõe-se este trabalho de reflexões teóricas acerca da prática educativa partindo da análise e descrição de dados conseguidos ao longo das horas vividas com turmas de Ensino Fundamental e de comentários em caráter de conclusão de tudo que foi vivenciado nesta experiência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Formação de Professores

Há algum tempo atrás, acreditava-se que o professor, ao ingressar na graduação, conseguiria todo o conhecimento necessário para ser um bom profissional e que ao sair da universidade ele estaria apto para atuar em sua área para o resto de sua vida como se dali em diante ele não fosse mais necessitar de nada para o desenvolvimento de seu trabalho. Entretanto a realidade que presenciamos hoje nos mostra o contrário. A universidade tem sim um papel fundamental, mas não tem conseguido de fato “preparar” esses profissionais para atuarem na sociedade.

Para a constituição federal

O preparo inadequado dos professores cuja formação de modo geral, manteve predominantemente um formato tradicional, que não contempla muitas das características consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade docente, entre as quais se destacam: [...] assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos. (BRASIL, 2001, p. 4)

Para tanto é importante pensar a formação numa abordagem que vá além da academia. O profissional deve pensar que uma graduação é necessária, mas não basta, é essencial atualizar-se sempre buscando formação continuada construindo assim o saber através do processo de atuação profissional. Afinal a formação é um processo contínuo que necessita de reflexão e análise durante sua trajetória. Segundo Nóvoa (2003, p.23), “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”.

Assim a formação continuada apresenta-se como um fator importante no processo de formação do profissional em educação, possibilitando a ele maior aprofundamento de seus conhecimentos, adequando o que absorveu a sua prática pedagógica, reestruturando e aperfeiçoando conhecimentos adquiridos na formação inicial. O professor que participa de formação continuada pode refletir sobre suas práticas e trabalho diário.

Desta forma ressaltamos que a formação inicial é apenas uma etapa formativa, devendo ser contemplada ao longo da vida do profissional e a formação continuada não se limita em breves momentos ou horas de cursos. (BRASIL, 2001). A formação continuada deve voltar-se para a

atividade reflexiva e investigativa, incorporando aspectos da diversidade e o compromisso social com a educação e a formação socialmente referenciada dos estudantes (BRASIL, 2005).

Sendo assim, o professor está inserido em meio a um processo dinâmico de construções de significados referente ao processo educacional, destacando-se nesse processo a importância da formação inicial e continuada, articulada com a realidade sócio educacional, fazendo com que o educador domine uma série de saberes, capacidades e habilidades que o tornem competente no exercício da docência.

2.2 A Prática Reflexiva e o Professor

Por muito tempo vivíamos em um contexto escolar onde o aluno era um mero ouvinte e o professor o dono do saber, a prática desenvolvida em sala de aula não era algo pensado no aluno e não tinha importância se a mesma contribuía para o processo de ensino e aprendizagem dos discentes. Entretanto concepções como esta vêm sendo cada vez mais contestadas e repensadas por pesquisadores e até mesmo pelos professores, que percebem cada vez mais as dificuldades encontradas em sala de aula, e com ela a necessidade de pensar em melhoria para um bom desempenho da aprendizagem em sala de aula.

Nesse sentido a concepção de professor tem mudado, ele já é visto sob um olhar diferente, é visto como educador, não mais como aquele que detém o conhecimento, e sim como aquele que auxilia o discente na construção do mesmo. Em meios a esses avanços surge o professor reflexivo aquele que se examina e conseqüentemente examina suas próprias ações construindo uma consciência crítica a seu próprio respeito. Reforçando o professor que reflete sobre suas ações traz a si mesmo chance de avaliar não só especificamente sua metodologia, mas sim de rever sua forma de pensar, de agir sobre o mundo que esta inserido, avaliando assim seus desafios e traçando planos para vencer os mesmos. A tarefa de refletir sobre sua própria ação em sala de aula é uma tarefa que o professor deve almejar faz89-0Pendo de sua pratica um espaço permanente de reflexão através de um papel ativo na educação, não uma mera reprodução de conteúdos fazendo do espaço de sala de aula um espaço de transformação.

Conforme afirma Freire,

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que esta em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1991, p.27).

Os educadores devem ter consciência da responsabilidade de ser o facilitador do processo de ensino e para isso precisa encontrar o caminho certo, procurar ir a busca de alternativas e formas de

metodologia de trabalho que possam contemplar os anseios de seus alunos, contribuindo de fato em sua formação como ser pensante dentro de uma sociedade, levando o aluno a enxergar no espaço escolar a oportunidade de ser alguém na vida de serem pessoas autônomas e críticas.

Para Porto (2001)

Nosso desafio é o de não ser um mero transmissor de conhecimentos, mas um professor que saiba ler criticamente o mundo e, a partir das suas sínteses pessoais, possa organizar programas pedagógicos que possibilitem o diálogo e interação com seus alunos.... No entanto, o que se conquistou até o momento ainda não é definitivo. Por isso, é necessário que se continue buscando uma mudança mais profunda, não só nas metodologias, mas na mentalidade docente. (PORTO, 2001, p.7).

Dessa maneira, é nesse momento que há necessidade de refletir sobre a prática docente, sobre construir e reconstruir sua identidade profissional, descobrir os caminhos, criar novos caminhos, analisar ensaios e erros, incertezas e decepções, enfim, renovar-se, entusiasma-se, ousar. Deixemos de lado as “desculpas/dificuldades” que atravessam nossos caminhos como a falta de infraestrutura, salários baixos, falta de reconhecimento social, pois essa postura não cria condições para que ocorram mudanças urgentes em benefício da educação, e ainda contribui para que não haja vontade de mudar, por que isso exige adaptar-se ao novo, a adotar novas posturas que levarão á construção da autonomia, tanto do professor quanto do aluno.

Dessa forma, conclui-se que uma prática pedagógica critico-reflexiva hoje exige do professor crescimento e principalmente, conscientização de sua responsabilidade diante da sociedade, afinal a forma como conduzirá sua história como profissional irá ser reflexo da história daquele que ele esta formando.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Minha prática docente iniciou na década de 1990, na Escola Estadual São Luís na ilha São Luís, no Rio Tucupi Grande. No município de São Sebastião da Boa Vista. Era uma casa de pequeno porte, feita de madeira, coberta com palha, estava um pouco velha, tinha duas salas pequenas e uma copa também do tamanho das salas.

Para fazer a merenda, isso quando tinha, era utilizado o fogão à lenha, mas esse detalhe não importava. O que queria mesmo era trabalhar em uma profissão que não fosse tão pesada quanto àquela que tinha de ir ao mato em busca de miriti para fazer os cestos e vender para sustentar meus filhos. Dar aula foi algo tão novo e empolgante que não pensei nas consequências que pudessem acontecer nesta jornada, porque além de não ser o meu sonho, e não ter conhecimento na área, a minha formação consistiria do ensino fundamental incompleto, e mesmo assim abracei a carreira com amor.

A turma era multisseriada, composta por 30 alunos de 1ª e 2ª série, com idades diferenciadas. Era preciso lidar com cuidado e de forma cautelosa, pois na turma havia alunos com características diferentes. Para o meu primeiro dia de aula, rabisquei um cronograma, mas no decorrer da aula as coisas tomaram outro rumo. Por causa da minha inexperiência fiz de tudo para não ficar nervosa, mas chegava em casa com uma dor de cabeça pelas coisas que não davam certo. Os recursos que tinha eram apenas os livros didáticos e as experiências dos alunos. Devido à sala ser tão pequena para 30 alunos, não tinha espaço para realizar recreações para descontrair as crianças do grande calor, por causa disso ficavam estressados e começava a confusão de um apelidar o outro, e eu ficava sem saber o que fazer.

Na segunda semana, as coisas começaram a se encaixar em relação a mim e à turma. Entretanto os apelidos que ainda aconteciam no decorrer das aulas, em certo momento, naquela segunda semana, ocorreu um fato desagradável entre dois alunos motivado pelo “preconceito racial”. Talvez por parecer natural aos alunos os apelidos, eles não conseguiam perceber a gravidade da situação e as coisas só se agravavam no ambiente da sala de aula.

É nesse momento que o professor tem que tomar muito cuidado com estas situações de conflitos que surgem entre os alunos na turma. Durante as aulas tivemos vários momentos de reflexões envolvendo o tema sobre desigualdade, mesmo eu não tendo muito aprofundamento no assunto por falta de recurso didático. Os alunos não me desrespeitavam em nenhum momento, às vezes, estavam distraídos e sonolentos por morarem longe da escola e o barco passava muito cedo em suas casas, alguns chegavam à escola sem tomar café e, merenda quando havia, era muito pouca, pois o número de alunos chegavam ao todo 65. A merenda dava para, no máximo uma semana, com isso a aprendizagem de algumas crianças eram prejudicada, e para piorar a situação a escola ficava em uma ilha isolada.

Nos dias em que terminava a aula que a maré estava baixa surgiam ondas muito fortes que impediam os mesmo de atravessar o rio para chegar em suas casas, pois suas canoas eram pequenas demais e corriam o risco de afundarem no meio do rio, e isso fazia com que eu ficasse na escola com eles até a as ondas acalmarem e nesse meio período alguns alunos começavam a apelidar-se, chegando às vezes a agressão física.

Entre vários problemas que surgiram durante 22 anos de experiência de prática docente este do preconceito racial foi o mais relevante, minimizados através do diálogo com as famílias dos alunos. Segundo Serrat (2007),

O tema pluralidade cultural deve ser entendido num contexto em que sejamos considerados iguais, Poé que somos humanos e respeitado na diversidades, de tal forma que não incorremos o erro de defender o individualismo, e sim a individualidade.[...] a individualidade é decorrente da coletividade de que a

identidade cultural é possível quando fizemos de um grupo, de uma comunidade de. A convivência entre culturas diferentes é esperando de um mundo globalizado. Trocar a partir das diferenças e das diferenças e a diversidade cultural faz com que nos modificamos sem nos submeter a qualquer que seja a manifestação cultural.[...]. A pluralidade cultural fala das diferenças, portanto, quando pensamos em diversidades, em pluralidade, pensamos em todos nós, em nossas diferenças, em histórias de vida individuais (SERRAT, 2007, p.54-55).

Mostrando a importância de respeitar as diferenças é uma lição que deve ser ensinada desde os primeiros anos de escolaridade, a escola é o espaço onde se encontra a maior parte da diversidade cultural e também é um local discriminador. Cabe a ela dar oportunidade para todos conhecerem a cultura existente no nosso país, por isso, trabalhar as diferenças é um desafio para o professor por ser ele o mediador de conhecimento, ou melhor, um que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

A alternativa primeiramente é fazer a observação da turma, e lutar com essa difícil questão em sala de aula e evitar que mais crianças sobre tudo da raça negra desistam de estudar. A discriminação afeta o autoestima do educando, isso reflete no aprendizado e é uma da causa da evasão. Lutar contra o preconceito é uma decisão que precisa ser vista pela coletividade não é mais responsabilidade só do discriminado, tem que haver uma construção da autoimagem do aluno para que o negro não se sinta inferior ao branco. E para combater esta triste realidade, a escola deve promover algo que venham educar sob o princípio da igualdade, com o objetivo de acabar o racismo. Buscar em livros conhecimentos que venham nortear de como trabalhar o preconceito que surge frequentemente em sala de aula.

Procurar incluir na disciplina elementos que propiciem o desenvolvimento de atividades ligadas ao tema, ficar atento ao que acontece em sala de aula, na escola e na comunidade que se caracterize com a discriminação, identificar elementos na mídia, que venham facilitar as discussões em sala de aula são práticas de reação. Nós como educadores, temos a obrigação não só de conhecer os mecanismos da dominação cultural, econômica, social e política, ampliando nossos conhecimentos, mas também de perceber as diferenças ético-culturais sobre realidade humana.

Depois de três anos exercendo a profissão de educadora surgiu a oportunidade de concluir o ensino fundamental por etapa no Projeto gavião. Este projeto acontecia por módulo e os professores, em sua grande maioria, vinha de outros municípios e era custeado pelo Estado. Foi muito difícil pra mim, por que além de ter filhos, todos pequenos, também tinha que me deslocar da zona rural para a cidade. Nossa! Eu não conhecia ninguém na cidade, mas o desejo de buscar conhecimento, para a minha prática em sala de aula, era tão grande, que eu não me importava e nem queria perder a porta que se abriu a minha frente. Foram anos de grandes esforços e abnegação, aprendizado construído ao longo do curso do magistério.

Formação relevante em termos de fundamentação metodológica, visto que até o ano de 2009, eu trabalhava sozinha na escola, e, falando a verdade, não sabia fazer um plano de aula, ainda mais projeto. Em minhas aulas copiava as partes mais importantes do livro, que estavam de acordo com os conteúdos programáticos.

Em 2011, fui nomeada para o cargo de magistério, através de concurso público. Passei a trabalhar em uma escola da rede municipal na zona urbana, uma escola de grande porte, onde os professores, coordenadores se reúnem para planejar as aulas, projetos que serão desenvolvidos dentro das salas de aula, abordando os temas de acordo com plano anual de ensino.

Em 2013 fui lotada em uma escola da cidade para trabalhar com uma turma de 2º ano do ensino fundamental de nove anos quando já estava me adaptando ao novo ambiente de trabalho me deparei com o mesmo problema de “Preconceito Racial”, mas desta vez não encontrei tanta dificuldade para lidar com o problema. Como a escola trabalha com proposta pedagógica, projetos culturais, entre outros, o obstáculo foi minimizado, isso não quer dizer que acabou, porque não acaba, mas vem dando certo.

O preconceito é um dos maiores desafios para os professores atualmente, e o professor precisa estar preparado para lidar com esse tipo de situação. O diálogo é muito importante para mostrar que diante de Deus somos todos iguais. O ensino das verdades bíblicas, são recursos que quando utilizados no momento oportuno e na medida certa tornam o ensino mais atraente participativo, criativo e os seus efeitos marcantes e duradouro.

Atualmente estou cursando graduação em Letras. Isso tem simbolizado para mim a uma mineradora virgem que vai sendo explorada aos poucos, onde o minerador se torna um acumulador de riqueza, no curso cada disciplina ministrada é uma pedrinha de ouro sendo lapidada. A cada etapa vencida me sinto uma vencedora e tenho certeza que ao término desta formação eu serei muito melhor educadora do que sou hoje porque o processo não para e todo dia estamos aprendendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de ensino deve ser vista como algo que acrescenta; deve destinar-se à melhoria das relações entre os homens, naturalmente, o ensino deve ser um ato prazeroso. Porém, historicamente, a sala de aula parece configurar-se como um espaço insólito. Desta forma este artigo teve a pretensão de suscitar não somente o debate, mas, principalmente, a consolidação de práticas que efetivem a construção e a realização de ações transformadoras advindas da consciência dos valores e significados ideológicos no tocante à atuação docente.

Face à realidade atual e às possibilidades de uma prática docente crítica ao sistema educacional, apresento alguns pontos a serem levados em conta para a realização dessa prática na escola: É necessário a existência, no espaço escolar, de um projeto coletivo que possibilite discussões acerca das práticas pedagógicas, visando à mudança de atitude daqueles professores que, por este ou aquele motivo, têm evitado romper posturas epistemológicas ultrapassadas.

A escola necessita superar modelos de ensino atrelados a posturas positivistas, que não têm sentido na sociedade atual. Dessa forma, se (re)definem epistemologias e métodos para acompanhar um novo paradigma que se anuncia, um paradigma emergente, que fala da multiplicidade de valores, regras e novas formas de enxergar o mundo, a escola deve funcionar como elemento aglutinador, gerador de coesão social, tornando-se espaço de memória, de resgate, de compreensão do presente, incorporando as lutas, as dificuldades e as conquistas vivenciadas.

A escola deve exercer a formação integrada. Não pode haver autoritarismo, mas sim uma ação coletiva, já que o movimento de integração é, necessariamente, social e supõe mais de um participante. Isso implica “construir” professores abertos a novos paradigmas, uma ideia em curso que parece deflagrar processos criativos nesse sentido e a articulação entre arte e conhecimento. Assim, aos poucos, se gera o conhecimento, a cultura, como sendo elementos constitutivos do espaço escolar. Por fim, numa escola (crítica e constitutiva) se trabalha num processo coletivo, cooperativo e solidário, procurando-se ultrapassar posturas tradicionais. No processo de ensino, analisam-se teoricamente as diversas manifestações dos alunos (verbais, escritas etc.), para se acompanharem as hipóteses que vêm sendo formuladas a respeito de determinados assuntos, em diversas áreas de conhecimento, de maneira a favorecer a descoberta de melhores soluções.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa - Ensino de 1ª a 4ª série.** Brasília, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos oprimidos.** Paz e Terra, 1991.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** 2. ed. Rio Grande do Sul: ed. Unijuí, 2006.

NÓVOA, Antônio. **Escola nova.** A revista do Professor. Ed. Abril. Ano. 2003, p.23.

PORTO, Regina Maria Lacllette. **A biblioteca infantil e sua importância para a formação do leitor – seminário 13º COLE – Com todas as letras para todos os nomes.** Campinas/SP, 2001.Org.

BRAGA Maria Creuza Tavares; PEREIRA, Elson de Menezes. Práticas docentes: desafios e oportunidades. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB,** Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

13° COLE- Congresso de Leitura do Brasil. Com todas as letras para todos os nomes. Unicamp: Campinas, 2001

SERRAT, L. M. B. **Temas transversais: Como Utilizá-los na Prática Educativa?** Curitiba: IBEPEx; 2007, p.54-65.



BRAGA Maria Creuza Tavares; PEREIRA, Elson de Menezes. Práticas docentes: desafios e oportunidades. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131